

*E' que o túmulo não significa cess  o de trabalho, nem resposta definitiva aos nossos problemas.*

*E' imprescindível agir, sempre a auxiliarmo-nos uns aos outros.*

*Conta-nos Longfellow a história de um monge que passou muitos anos, rogando uma visão do Cristo. Certa manhã, quando orava, viu Jesus ao seu lado e caiu de joelhos, em jubilosa adoração. No mesmo instante o sino do convento derramou-se em significativas badaladas. Era a hora de socorrer os doentes e aflitos,   porta da casa e, naquele momento, o trabalho lhe pertencia. O clérigo relutou, mas, com imenso esforço, levantou-se e foi cumprir as obrigações que lhe competiam. Serviu pacientemente ao povo, no grande portão do mosteiro, não obstante amargurado por haver interrompido a indefinivel contemplação. Voltando, porém,   cela, após o dever cumprido, oh maravilha! Chorando e rindo de alegria, observou que o Senhor o aguardava no cubículo e, ajoelhando-se, de novo, no êxtase que o possuía, ouviu o Mestre que lhe disse, bondoso:*

*— "Se houvesse permanecido aqui, eu teria fugido."*

*Assim, de nossa parte, dentro do ministério que hoje nos cabe, não nos   lícito desertar da luta e sim cooperar, dentro dela, para a vitória do Sumo Bem.*

*E' por isso, leitor, que trazemos a você estas páginas desprentensiosas, relacionando conclusões e observações dos nossos trabalhos e experiências.*

*Talvez sirvam, de algum modo,   sua jornada na Terra. Mas se houver alguma semelhança entre estes pontos e contos com algum episódio de sua própria vida, acredite você que isso não passa de mera coincidência.*

IRMÃO X.

Pedro Leopoldo, 3 de Outubro de 1950.

# Pontos e Contos

## I

### O PROGRAMA DO SENHOR

  frente da turba faminta, Jesus multiplicou os pães e os peixes, atendendo à necessidade dos circunstantes.

O fen meno maravilhara.

O povo jazia entre o êxtase e o júbilo intraduzíveis.

Fora quinhoado por um sinal do Céu, maior que os de Moisés e Josué.

Fr mito de admiração e assombro dominava a massa compacta.

Relacionavam-se, ali, pessoas procedentes das regiões mais diversas.

Além dos peregrinos, em grande número, que se adensavam, habitualmente, em torno do Senhor, buscando consolação e cura, mercadores da Idumeia, negociantes da S ria, soldados romanos e camelleiros do deserto ali se congregavam em multidão, na qual se destacavam as exclamações das mulheres e o choro das crian inhas.

O povo, convenientemente sentado na relva, recebia, com interjeições gratulat rias, o saboroso pão que resultara do milagre sublime.

 gua pura em grandes bilhas era servida, após o substancioso repasto, pelas mãos robustas e felizes dos apóstolos.

E Jesus, após renovar as promessas do Reino de Deus, de semblante melancólico e sereno contemplava os seguidores, da eminência do monte.

Semelhava-se, realmente, a um príncipe, materializado, de súbito, na Terra, pela suavidade que



lhe transparecia da fronte excelsa, tocada pelo vento que soprava, de leve...

Expressões de júbilo eram ouvidas, aqui e ali.

Não fornecera Ele provas de inexcedível poder? não era o maior de todos os profetas? não seria o libertador da raça escolhida?

Recolhiam os discípulos a sobra abundante do inesperado banquete, quando Malebel, espadaúdo assessor da Justiça em Jerusalém, acercou-se do Mestre e clamou para a multidão haver encontrado o restaurador de Israel. Esclareceu que conviria receber-lhe as determinações, desde aquela hora inesquecível, e os ouvintes reergueram-se, à pressa, engrossando fileiras, ao redor do Messias Nazareno.

Jesus, em silêncio, esperou que alguém lhe endereçasse a palavra e, efetivamente, Malebel não se fêz rogado.

— Senhor — indagou, exultante —, és, em verdade, o arauto do novo Reino?

— Sim — respondeu o Cristo, sem titubear.

— Em que alicerces será estabelecida a nova ordem? — prosseguiu o oficial do Sinédrio, dilatando o diálogo.

— Em obrigações de trabalho para todos.

O interlocutor esfregou o sobreceño com a mão direita, evidentemente inquieto, e continuou:

— Instituir-se-á, porém, uma organização hierárquica?

— Como não? — acentuou o Mestre, sorrindo.

— Qual a função dos melhores?

— Melhorar os piores.

— E a ocupação dos mais inteligentes?

— Instruir os ignorantes.

— Senhor, e os bons? que farão os homens bons, dentro do novo sistema?

— Ajudar aos maus, a fim de que estes se façam igualmente bons.

— E o encargo dos ricos?

— Amparar os mais pobres para que também se enriqueçam de recursos e conhecimentos.

— Mestre — tornou Malebel, desapontado —, quem ditará semelhantes normas?

— O amor pelo sacrifício, que florescerá em obras de paz no caminho de todos.

— E quem fiscalizará o funcionamento do novo regime?

— A compreensão da responsabilidade em cada um de nós.

— Senhor, como tudo isto é estranho! — considerou o noviço, alarmado — desejarás dizer que o Reino diferente prescindirá de palácios, exércitos, prisões, impostos e castigos?

— Sim — aclarou Jesus, abertamente —, dispensará tudo isso e reclamará o espírito de renúncia, de serviço, de humildade, de paciência, de fraternidade, de sinceridade e, sobretudo, do amor de que somos credores, uns para com os outros, e a nossa vitória permanecerá muito mais na ação incessante do bem com o desprendimento da posse, na esfera de cada um, que nos próprios fundamentos da justiça, até agora conhecidos no mundo.

Nesse instante, justamente quando os doentes e os aleijados, os pobres e os aflitos, desciam da colina tomados de intenso júbilo, Malebel, o destacado funcionário de Jerusalém, exibindo terrível máscara de sarcasmo na fisionomia dantes respeitosa, voltou as costas ao Senhor, e, acompanhado por algumas centenas de pessoas bem situadas na vida, deu-se pressa em retirar-se, proferindo frases de insulto e zombaria...

O milagre dos pães fora rapidamente esquecido, dando a entender que a memória funciona dificilmente nos estômagos cheios, e, se Jesus não quis perder o contacto com a multidão, naquela hora célebre, foi obrigado a descer também.